

OS HERÓIS



DO OLIMPO

# O FILHO DE NETUNO



**RICK RIORDAN**

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*

intrínseca

# O FILHO DE NETUNO

RICK RIORDAN

# O FILHO DE NETUNO

OS HERÓIS DO OLIMPO – LIVRO DOIS

Tradução de Raquel Zampil



Copyright © 2011 Rick Riordan

Edição em português negociada por intermédio de Gallt and Zacker Literary Agency LLC  
e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Son of Neptune

PREPARAÇÃO

Leonardo Alves

REVISÃO

Carolina Rodrigues

Umberto Figueiredo Pinto

DIAGRAMAÇÃO

Editoriarte

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R452f

Riordan, Rick, 1964-

O filho de Netuno / Rick Riordan ; tradução de Raquel Zampil. -

Rio de Janeiro : Intrínseca, 2012.

432p. : 23 cm. (Os heróis do Olimpo ; v.2)

Tradução de: The son of Neptune

ISBN 978-85-8057-180-6

1. Mitologia grega - Literatura infantojuvenil. 2. Literatura infantojuvenil  
americano. I. Zampil, Raquel. II. Título. III. Série.

11-2154.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2012]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

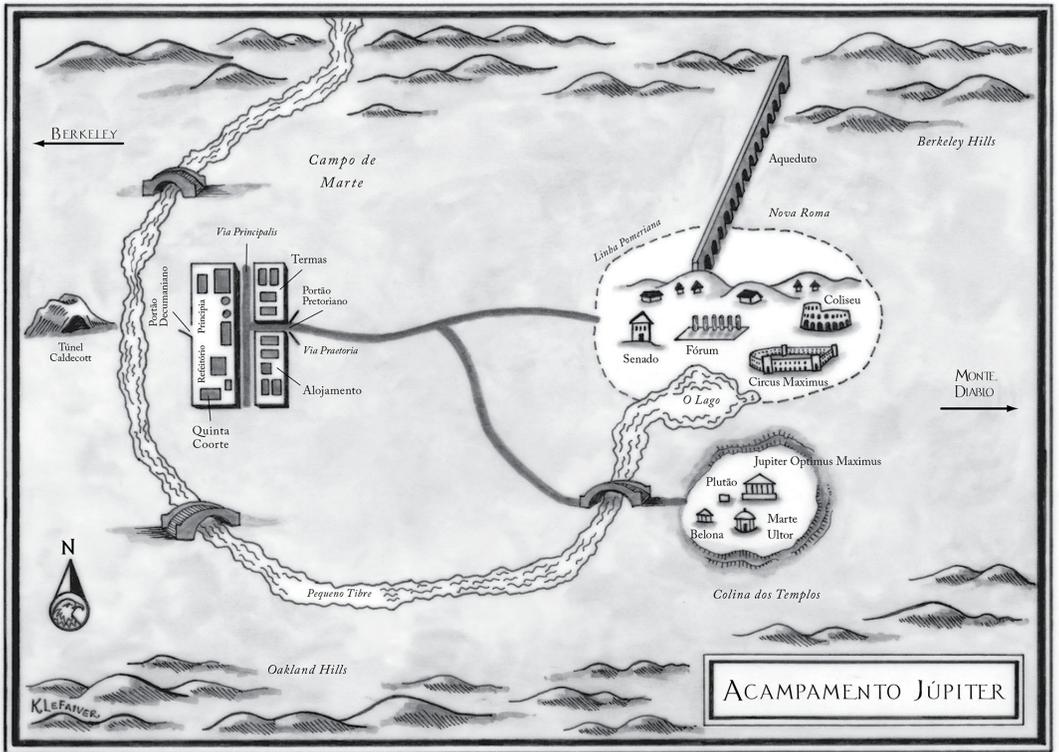
22640-904 – Barra da Tijuca

Rio de Janeiro – RJ

Tel. / Fax.: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para Becky, com quem partilho meu santuário em Nova Roma.  
Nem mesmo Hera poderia me fazer esquecer você.*



# PERCY

**AS MULHERES COM CABELOS DE** cobra estavam começando a irritar Percy.

Deviam ter morrido três dias antes, quando ele derrubou uma caixa de bolas de boliche em cima delas no Napa Bargain Mart. Deviam ter morrido dois dias antes, quando ele as atropelou com um carro da polícia em Martinez. E, *definitivamente*, deviam ter morrido naquela manhã, quando ele lhes cortou a cabeça no Tilden Park.

Não importava quantas vezes Percy as matasse e as visse se transformar em pó: elas continuavam a se reconstituir, como grandes cotões do mal. Aparentemente ele não conseguia nem ser rápido o bastante para escapar delas.

Percy alcançou o topo da colina e parou para recuperar o fôlego. Quanto tempo se passara desde que as matara pela última vez? Talvez duas horas. Parecia que a morte delas nunca durava mais que isso.

Nos últimos dias ele mal dormira. Comera o que conseguia surrupiar — saquinhos de jujuba, pão dormido, até um *burrito* para viagem, atingindo um novo nível de “fundo do poço”. Suas roupas estavam rasgadas, queimadas e sujas de gosma de monstro.

Ele só sobrevivera até agora porque as duas mulheres com cabelos de cobra — *górgonas*, como chamavam a si mesmas — também pareciam não conseguir matá-lo. As garras não cortavam sua pele. Os dentes se quebravam sempre

que tentavam mordê-lo. Mas Percy não podia continuar por muito mais tempo. Logo ele desabaria de exaustão, e então, por mais difícil que fosse matá-lo, ele tinha certeza de que as górgonas encontrariam uma forma.

Para onde correr?

Ele olhou à sua volta. Em outras circunstâncias, talvez tivesse apreciado a vista. À esquerda, colinas douradas ondulavam continente adentro, marcadas por lagos, bosques e alguns rebanhos de gado. À direita, as planícies de Berkeley e Oakland se estendiam para oeste — um vasto tabuleiro de bairros, com milhões de pessoas que provavelmente não iriam querer que sua manhã fosse interrompida por dois monstros e um semideus imundo.

Mais para oeste, a Baía de São Francisco cintilava sob uma bruma prateada. Para além dela, um muro de neblina havia engolido a maior parte de São Francisco, deixando à vista apenas o topo dos arranha-céus e as torres da ponte Golden Gate.

Uma vaga melancolia comprimia o peito de Percy. Algo lhe dizia que ele já estivera em São Francisco. A cidade tinha alguma conexão com Annabeth — a única pessoa de seu passado de quem ele se recordava. Para sua frustração, a lembrança era obscura. A loba lhe havia prometido que ele voltaria a vê-la e que recuperaria a memória — *se* ele tivesse êxito em sua jornada.

Deveria tentar cruzar a baía?

Era tentador. Ele podia sentir o poder do oceano logo além do horizonte. A água sempre o revigorava. Sobretudo a salgada. Ele havia descoberto isso dois dias antes, ao estrangular um monstro marinho no Estreito de Carquinez. Se conseguisse alcançar a baía, talvez fosse capaz de resistir uma última vez. Talvez até pudesse afogar as górgonas. Mas a praia ficava a pelo menos três quilômetros dali. Ele teria de atravessar uma cidade inteira.

Ainda assim, hesitava por outra razão. A loba Lupa o ensinara a aguçar os sentidos, a confiar nos instintos que o vinham guiando para o sul. Seu radar interno agora zumbia loucamente. O fim de sua jornada estava próximo — quase de baixo de seus pés. Mas como isso seria possível? Não havia nada no topo da colina.

O vento mudou. Percy percebeu o cheiro acre de réptil. Cem metros encosta abaixo, alguma coisa farfalhou no meio do bosque: galhos se quebrando, folhas sendo esmagadas, sibilos.

Górgonas.

Pela milionésima vez Percy desejou que o nariz delas não fosse tão bom. Elas sempre disseram que podiam *farejá-lo* porque ele era um semideus — o filho meio-sangue de algum antigo deus romano. Percy tentara rolar na lama, atravessar riachos e até levar aromatizantes nos bolsos para ficar com cheiro de carro novo; mas, aparentemente, o fedor de um semideus era difícil de disfarçar.

Ele correu para o lado oeste do cume. Era íngreme demais para descer. A encosta despencava uns vinte e cinco metros, direto para cima do telhado de um complexo de apartamentos construído junto à colina. Quinze metros abaixo disso uma estrada emergia do pé da colina e serpenteava na direção de Berkeley.

Ótimo. Não havia outra forma de sair dali. Ele havia se deixado encurralar.

Olhou para o fluxo de carros seguindo para oeste, na direção de São Francisco, e desejou estar em um deles. Então percebeu que a estrada atravessava a colina. Devia haver um túnel... bem debaixo de seus pés.

Seu radar interno enlouqueceu. Ele *estava* no lugar certo, só que alto demais. Tinha que dar uma olhada naquele túnel. Precisava arranjar um jeito de descer até a estrada — e rápido.

Tirou a mochila dos ombros. Conseguiu pegar muitos suprimentos no Napa Bargain Mart: um GPS portátil, fita adesiva, isqueiro, supercola, garrafa d'água, isolante térmico para acampamento, um travesseirinho em formato de panda e um canivete suíço — praticamente todas as ferramentas que um semideus moderno poderia querer. Mas não havia nada que pudesse servir como paraquedas ou trenó.

Isso o deixava com duas opções: saltar mais de vinte metros para a morte ou ficar e lutar. Ambas pareciam péssimas.

Ele praguejou e sacou sua caneta do bolso.

Ela não parecia grande coisa, era apenas uma esferográfica barata comum, mas quando Percy tirou a tampa a caneta cresceu até se tornar uma reluzente espada de bronze. A lâmina era perfeitamente balanceada. O punho de couro ajustava-se à mão de Percy como se tivesse sido feito sob medida. Ao longo da guarda havia uma palavra em grego antigo que, por algum motivo, Percy compreendia: *Anaklusmos* — Contracorrente.

Ele havia acordado com essa espada em sua primeira noite na Casa do Lobo... dois meses antes? Mais? Perdera a noção do tempo. Estava no pátio de uma mansão incendiada no meio da floresta, vestindo short, camiseta laranja e um cordão de couro com um punhado de contas estranhas de argila. Contracorrente estava em sua mão, mas Percy não fazia ideia de como ele chegara lá, e tinha apenas uma vaga noção de quem era. Estava descalço, confuso e sentia muito frio. E então os lobos vieram...

Bem perto dele uma voz familiar o jogou de volta ao presente.

— Aí está você!

Percy se afastou cambaleante da górgona, quase despencando da colina.

Era a sorridente — Beano.

O.k., o nome dela, na verdade, não era Beano. Pelo que Percy podia supor, ele era disléxico, pois as palavras se misturavam quando ele tentava ler. A primeira vez em que vira a górgona, bancando uma recepcionista do Bargain Mart com um grande bóton verde no qual se lia: *Bem-vindo! Meu nome é ESTENO*, ele lera BEANO.

Ela ainda usava o grande colete verde dos empregados do Bargain Mart por cima de um vestido de estampa floral. Ao observar apenas o corpo dela, era possível tomá-la por uma avó velha e atarracada — até que, ao baixar a vista, percebia-se que ela possuía pés de galo. Ou, ao olhar para cima, viam-se presas bronze de javali projetando-se dos cantos de sua boca. Os olhos tinham um brilho vermelho, e os cabelos eram um ninho de inquietas cobras de um tom verde vivo.

O que havia de mais horrível nela? Suas mãos ainda seguravam a grande bandeja de prata de amostras grátis: Enroladinhos Crocantes de Queijo e Salsicha. A bandeja estava amassada por conta das tentativas de Percy de matar a górgona, mas as pequenas amostras pareciam em perfeito estado. Esteno continuava carregando-as por toda a Califórnia para que pudesse oferecer um lanchinho a Percy antes de matá-lo. Ele não sabia por que ela continuava fazendo aquilo, mas, se um dia precisasse de uma armadura, ele a faria com Enroladinhos Crocantes de Queijo e Salsicha. Eram indestrutíveis.

— Quer experimentar? — ofereceu Esteno.

Percy ameaçou-a com a espada.

— Cadê sua irmã?

— Ah, guarde essa espada — repreendeu-o Esteno. — A essa altura você já deve saber que nem o bronze celestial pode nos matar por muito tempo. Coma um Enroladinho de Queijo e Salsicha! Estão em promoção esta semana, e eu detestaria matar você de estômago vazio.

— Esteno! — A segunda górgona surgiu tão depressa à direita de Percy que ele não teve tempo de reagir. Felizmente, ela estava muito ocupada fuzilando a irmã com o olhar para prestar atenção no rapaz. — Eu disse para você se aproximar dele furtivamente e matá-lo!

O sorriso de Esteno vacilou.

— Mas, Euríale... Não posso dar a ele uma provinha primeiro?

— Não, sua imbecil!

Euríale voltou-se para Percy e mostrou-lhe as presas.

Exceto pelos cabelos — um ninho de cobras-corais em vez de víboras verdes —, ela era idêntica à irmã. Seu colete do Bargain Mart, o vestido florido e até mesmo as presas estavam enfeitadas com adesivos de 50% DE DESCONTO. Em seu crachá lia-se: *Olá! Meu nome é MORRA, SEMIDEUS MALDITO!*

— Você nos rendeu uma perseguição e tanto, Percy Jackson — disse Euríale. — Mas agora está encurralado, e teremos nossa vingança!

— Os Enroladinhos custam apenas 2,99 — acrescentou Esteno, prestativa. — Seção de mercearia, corredor três.

Euríale rosnou.

— Esteno, o Bargain Mart era uma *fachada!* Você está se perdendo no personagem! Agora largue essa bandeja ridícula e me ajude a matar esse semideus. Ou já esqueceu que foi ele quem pulverizou a Medusa?

Percy deu um passo para trás. Mais quinze centímetros e ele despencaria.

— Olhem, senhoras, já conversamos sobre isso. Eu nem me lembro de ter matado a Medusa. Não me lembro de nada! Não podemos fazer uma trégua e falar sobre as promoções da semana?

Esteno lançou um olhar pidão para a irmã e fez beicinho, o que era bem difícil com presas gigantes de bronze.

— Podemos?

— Não! — Os olhos vermelhos de Euríale cravaram-se em Percy. — Não estou nem aí para o que você lembra ou não, filho do deus dos mares. Posso

sentir o cheiro do sangue da Medusa em você. Está fraco, sim, depois de vários anos, mas *voce* foi o último a derrotá-la. E ela *ainda* não retornou do Tártaro! A culpa é sua!

Percy não conseguiu mesmo entender aquilo. O conceito de “morrer e então retornar do Tártaro” lhe dava dor de cabeça. Naturalmente, isso também acontecia diante da ideia de que uma caneta esferográfica pudesse se transformar em espada ou que monstros pudessem se disfarçar por causa de uma tal Névoa, ou que Percy era filho de um deus de cinco mil anos incrustado de cracas. Mas ele acreditou, *sim*. Embora sua memória tivesse sido apagada, ele sabia que era um semideus da mesma forma que sabia que seu nome era Percy Jackson. Desde sua primeira conversa com Lupa, a loba, ele havia aceitado que esse mundo louco e confuso de deuses e monstros era sua realidade. O que era bem chato.

— Que tal declararmos um empate? — ele sugeriu. — Eu não posso matar vocês. Vocês não podem me matar. Se são irmãs da Medusa... tipo *a* Medusa, que transformava as pessoas em pedra... eu já não deveria estar petrificado?

— Heróis! — exclamou Euríale com asco. — Eles sempre mencionam isso, exatamente como nossa mãe! “Por que vocês não conseguem transformar as pessoas em pedra? Sua *irmã* consegue.” Bem, lamento desapontá-lo, garoto! Essa maldição era apenas da Medusa. *Ela* era a mais hedionda na família. A sorte foi toda para ela!

Esteno parecia magoada.

— Mamãe dizia que *eu* era a mais hedionda.

— Calada! — repreendeu-a Euríale. — Quanto a você, Percy Jackson, é verdade que você possui a marca de Aquiles. Isso faz com que seja um pouco mais difícil matá-lo. Mas não se preocupe. Vamos dar um jeito.

— A marca do quê?

— Aquiles — disse Esteno, alegremente. — Ah, ele era *lindo*! Foi banhado no Rio Estige quando criança, sabe, então tornou-se invulnerável, exceto por um minúsculo ponto no tornozelo. Isso também aconteceu com você, querido. Alguém deve tê-lo jogado no Estige, o que deixou sua pele dura como ferro. Mas não precisa se preocupar. Heróis como você sempre têm um ponto fraco. Só precisamos descobrir qual é, e então poderemos matá-lo. Isso não vai ser ótimo? Pegue um Enroladinho!

Percy tentou pensar. Ele não se lembrava de nenhum mergulho no Estige. Por outro lado, não se lembrava de muita coisa. Sua pele não parecia ser de ferro, mas isso explicaria como ele resistira tanto tempo às górgonas.

Talvez, se ele simplesmente caísse da montanha... Será que sobreviveria? Não queria arriscar — não sem algo para desacelerar a queda, ou um trenó, ou...

Ele olhou para a grande bandeja de prata de Esteno.

Hum...

— Reconsiderando? — perguntou Esteno. — Muito sábio, querido. Acrescentei um pouco de sangue de górgona a estes, portanto, sua morte será rápida e indolor.

A garganta de Percy se fechou.

— Você adicionou seu sangue aos Enroladinhos?

— Só um pouquinho. — Esteno sorriu. — Um corte minúsculo em meu braço, mas é gentileza sua se preocupar. O sangue de nosso lado direito pode curar qualquer coisa, sabe, mas o sangue de nosso lado esquerdo é letal...

— Sua estúpida! — berrou Euríale. — Não é para você contar isso! Ele não vai comer as salsichas se você avisar que estão envenenadas!

Esteno pareceu confusa.

— Não? Mas eu disse que seria rápido e indolor.

— Deixe para lá! — As unhas de Euríale cresceram, transformando-se em garras. — Vamos ter que matá-lo da forma mais difícil... Continue a golpeá-lo até encontrarmos o ponto fraco. Quando derrotarmos Percy Jackson, vamos ser mais famosas que a Medusa! Nossa patrona vai nos recompensar imensamente!

Percy empunhou sua espada. Ele precisaria agir no momento certo — alguns segundos de distração, pegar a bandeja com a mão esquerda...

Faça com que elas continuem falando, ele pensou.

— Antes de fazerem picadinho de mim — disse ele —, quem é essa patrona de quem vocês falaram?

Euríale riu com desdém.

— A deusa Gaia, é claro! Aquela que nos trouxe de volta do esquecimento! Você não viverá o suficiente para conhecê-la, mas seus amigos lá embaixo logo enfrentarão a ira dela. Neste exato momento os exércitos da deusa estão marchando para o sul. No Festival de Fortuna, ela irá acordar e os semideuses serão abatidos como... como...

— Como nossos preços no Bargain Mart! — sugeriu Esteno.

— Ah!

Euríale avançou na direção da irmã. Percy aproveitou a oportunidade. Ele agarrou a bandeja de Esteno, espalhando os Enroladinhos envenenados, e com Contracorrente rasgou a cintura de Euríale, cortando-a ao meio.

Ele ergueu a bandeja, e Esteno se viu encarando o próprio reflexo engordurado.

— Medusa! — gritou ela.

Sua irmã Euríale havia se transformado em pó, mas já estava começando a se refazer, como um boneco de neve que “desderretesse”.

— Esteno, sua idiota! — gorgolejou ela enquanto seu rosto semicomposto erguia-se do monte de pó. — Isso é só seu próprio reflexo! Pegue-o!

Percy bateu a bandeja de metal com toda força no alto da cabeça de Esteno, e ela caiu desmaiada.

Então ele pôs a bandeja atrás do traseiro, fez uma prece silenciosa a quem quer que fosse o deus romano que regesse truques estúpidos de trenó e saltou da colina.

# PERCY

**O PROBLEMA DE SE MERGULHAR** de uma colina a oitenta quilômetros por hora em cima de uma bandeja de petiscos é que, se na metade da descida você perceber que essa foi uma péssima ideia, já é tarde demais.

Percy escapou por pouco de bater em uma árvore, ricocheteou em uma grande pedra e girou trezentos e sessenta graus enquanto voava rumo à autoestrada. A bandeja idiota não tinha direção hidráulica.

Ele ouviu as irmãs górgonas gritando e viu de relance as cobras-corais dos cabelos de Euriale no alto da colina, mas não teve tempo de se preocupar com isso. O telhado do prédio de apartamentos assomava abaixo dele como a proa de um encouraçado. Colisão frontal em dez, nove, oito...

Ele conseguiu se virar de lado para evitar quebrar as pernas com o impacto. A bandeja deslizou pelo telhado e disparou pelo ar. Ela voou para um lado. Percy foi para o outro.

Enquanto caía na direção da autoestrada, uma imagem horrível cruzou sua mente como um raio: seu corpo se arrebatando contra o para-brisa de um SUV, e o motorista, irritado, tentando livrar-se dele com o limpador de para-brisa. *Adolescente idiota caindo do céu! Eu estou atrasado!*

Por um milagre, uma rajada de vento lançou-o para um lado — o suficiente para desviá-lo da estrada e fazê-lo cair em cima de uns arbustos. Não foi uma aterrissagem suave, mas era melhor que asfalto.

Percy gemeu. Queria ficar ali caído e desmaiar, mas precisava seguir em frente.

Ele se levantou com esforço. Suas mãos estavam arranhadas, mas aparentemente não havia nenhum osso quebrado. Ainda tinha sua mochila. Em algum ponto da descida de trenó Percy havia perdido a espada, mas sabia que ela acabaria reaparecendo em seu bolso, em forma de caneta. Isso era parte da magia.

Ele olhou para a colina. Era difícil não ver as górgonas, com seus cabelos coloridos de cobras e os coletes verdes do Bargain Mart. Elas vinham descendo com cuidado a encosta, mais devagar que Percy, mas com um controle muito maior. Aqueles pés de galinha deviam ser bons para escalar. Percy calculou ter mais ou menos uns cinco minutos antes que elas o alcançassem.

Perto dele, uma grade alta de arame separava a estrada de um bairro de ruas sinuosas, casas aconchegantes e eucaliptos altos. A grade provavelmente estava ali para impedir que as pessoas fossem para a autoestrada e fizessem coisas idiotas — como deslizar para a pista de velocidade sentado em uma bandeja de petiscos —, mas a grade possuía vários buracos grandes. Percy podia entrar facilmente no bairro. Talvez conseguisse encontrar um carro e dirigir para oeste rumo ao oceano. Ele não gostava de roubar carros, mas nas últimas semanas, em situações de vida ou morte, pegara vários “emprestados”, inclusive uma viatura policial. Ele tivera a intenção de devolvê-los, mas eles nunca duravam muito.

Percy olhou para leste. Tal como imaginara, a uns cem metros acima, a autoestrada atravessava o pé da colina. As entradas de dois túneis, uma para cada mão do trânsito, fitavam-no como órbitas oculares em um crânio gigante. No meio, onde estaria o nariz, uma parede de cimento se projetava da encosta da colina, com uma porta de metal que parecia a entrada de um *bunker*.

Poderia ter sido um túnel de manutenção. Provavelmente era o que os mortais achavam, se é que percebiam a porta. Mas eles não podiam ver através da Névoa. Percy sabia que a porta era mais do que isso.

Dois garotos de armadura ladeavam a entrada. Usavam uma mistura bizarra de elmo romano emplumado, peitoral, bainha de espada, calça jeans, camiseta roxa e tênis brancos. O guarda da direita parecia uma garota, embora fosse difícil ter certeza por causa da armadura. O da esquerda era um cara robusto com um arco e uma aljava nas costas. Os dois empunhavam longos bastões de madeira com pontas de ferro, como arpões antiquados.

O radar interno de Percy zumbia feito louco. Depois de tantos dias horríveis, ele finalmente havia alcançado sua meta. Seus instintos lhe diziam que, se conseguisse entrar por aquela porta, ele poderia encontrar segurança pela primeira vez desde que os lobos o mandaram para o sul.

Então por que sentia tanto pavor?

Mais acima na colina, as górgonas atravessavam o telhado do complexo de apartamentos. A três minutos de distância, talvez menos.

Uma parte dele queria correr para a porta na encosta. Ele precisaria ir para o meio das duas pistas da autoestrada, mas seria uma corrida rápida. Ele poderia chegar lá antes que as górgonas o alcançassem.

Outra parte dele queria seguir para o oceano a oeste. Era onde ele estaria mais seguro. Onde seu poder seria maior. Aqueles guardas romanos à porta o inquietavam. Alguma coisa lhe dizia: *Aqui não é meu território. Aqui é perigoso.*

— Você tem razão, é claro — disse uma voz a seu lado.

Percy levou um susto. A princípio, pensou que Beano havia conseguido aproximar-se dele sorrateiramente de novo, mas a velha sentada nos arbustos era ainda mais repulsiva que uma górgona. Parecia uma hippie que tinha sido jogada para a beira da estrada uns quarenta anos antes, e desde então vinha reunindo lixo e trapos. Usava um vestido feito de tecido tingido, colchas rasgadas e sacolas plásticas de mercado. Seu chumaço de cabelos crespos era castanho-acinzentado, como espuma de cerveja escura, preso por um elástico com o símbolo da paz. Verrugas e pintas cobriam-lhe o rosto. Quando ela sorria, mostrava exatamente três dentes.

— Não é um túnel de manutenção — confidenciou ela. — É a entrada do acampamento.

Um calafrio percorreu a espinha de Percy. *Acampamento*. Sim, era de um lugar assim que ele vinha. Um acampamento. Talvez aquele fosse seu lar. Talvez Annabeth estivesse perto.

Mas algo parecia errado.

As górgonas ainda estavam no telhado do complexo. Então Esteno deu um grito de prazer e apontou na direção de Percy.

A velha hippie ergueu as sobrancelhas.

— Não há muito tempo, criança. Você precisa decidir.

— Quem é você? — perguntou Percy, embora não tivesse certeza de que queria saber.

A última coisa de que precisava era outra mortal inofensiva que na verdade fosse um monstro.

— Ah, pode me chamar de Juno. — Os olhos da velha cintilaram, como se ela tivesse acabado de fazer uma ótima piada. — *Estamos* em junho, não é? Deram o nome a esse mês em minha homenagem!

— Certo... Olhe, preciso ir. Duas górgonas estão vindo para cá. Não quero que elas a machuquem.

Juno juntou as mãos sobre o coração.

— Que gentil! Mas isso faz parte de sua escolha!

— Minha escolha... — Percy olhou, nervoso, na direção da colina. As górgonas haviam tirado os coletes verdes. Asas brotavam de suas costas, pequenas asas de morcego, que brilhavam como latão.

Desde quando elas tinham *asas*? Talvez fossem só enfeite. Talvez fossem pequenas demais para erguer uma górgona no ar. E, então, as duas irmãs saltaram do edifício e planaram em sua direção.

*Ótimo. Simplesmente perfeito.*

— Sim, uma escolha — disse Juno, como se não tivesse a menor pressa. — Você pode me deixar aqui, à mercê das górgonas, e ir para o oceano. Chegaria lá em segurança, eu garanto. As górgonas adorarão me atacar e deixá-lo partir. No mar, nenhum monstro vai importuná-lo. Você poderia começar uma vida nova, viver até uma idade avançada e evitar grande parte da dor e do sofrimento que o esperam no futuro.

— Ou? — Percy tinha certeza de que não ia gostar da segunda opção.

— Ou pode fazer uma boa ação para uma velha senhora — disse Juno — e me levar até o acampamento.

— Carregar a senhora? — Percy tinha esperança de que ela estivesse brincando. Então Juno subiu a saia e mostrou-lhe os pés inchados e roxos.

— Não consigo chegar lá sozinha — disse ela. — Carregue-me até o acampamento, do outro lado da estrada, do túnel, do rio.

Percy não sabia a que rio ela se referia, mas parecia que não seria fácil. Juno dava a impressão de ser bem pesada.

As górgonas estavam a apenas cinquenta metros, planando preguiçosamente na direção dele como se soubessem que a caçada chegava ao fim.

Percy olhou para a velha.

— E eu faria isso porque...?

— Porque é uma gentileza! — replicou ela. — E porque, se não fizer, os deuses morrerão, o mundo que conhecemos desaparecerá e todas as pessoas de sua antiga vida serão destruídas. Claro, você não se lembraria delas, então suponho que isso não tenha importância. Você estaria a salvo no fundo do mar...

Percy engoliu em seco. As górgonas gritavam e gargalhavam enquanto se preparavam para a matança.

— Se eu for para o acampamento — disse ele —, vou conseguir recuperar minha memória?

— Com o tempo — respondeu Juno. — Mas saiba que vai sacrificar muita coisa! Você perderá a marca de Aquiles. Sentirá dor, aflição e privação com mais intensidade do que jamais sentira. Mas talvez tenha a chance de salvar seus antigos amigos e sua família, e de reconquistar sua antiga vida.

As górgonas voavam em círculos acima de sua cabeça. Provavelmente estudavam a velha, tentando entender quem era a nova figura antes de atacarem.

— E quanto àqueles guardas na porta? — perguntou Percy.

Juno sorriu.

— Ah, eles vão deixá-lo entrar, querido. Pode confiar naqueles dois. Então, o que me diz? Vai ajudar uma velha indefesa?

Percy duvidava que Juno fosse indefesa. Na pior das hipóteses, aquilo era uma armadilha. Na melhor, era algum tipo de teste.

Percy detestava testes. Desde que perdera a memória, sua vida toda era um grande “preencha as lacunas”. Ele era \_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_. Sentia-se \_\_\_\_\_, e se algum monstro o pegasse, ele estaria \_\_\_\_\_.

Então pensou em Annabeth, a única parte de sua antiga vida da qual ele tinha certeza. *Precisava* encontrá-la.

— Vou carregá-la.

E pegou a mulher no colo.

Ela era mais leve do que ele esperava. Percy tentou ignorar seu hálito azedo e as mãos calosas agarrando-se a seu pescoço. Atravessou a primeira pista do trân-

sito. Um motorista buzinou. Outro gritou algo, que se perdeu no vento. A maioria apenas desviou e pareceu irritada, como se, aqui em Berkeley, fosse preciso lidar com um monte de adolescentes maltrapilhos atravessando a rodovia carregando hippies idosas.

Uma sombra o cobriu. Esteno gritou alegremente:

— Garoto esperto! Encontrou uma deusa para carregar, é?

Uma deusa?

Juno gargalhou, encantada, e murmurou “Ops!” quando um carro quase os atropelou.

Em algum ponto à esquerda de Percy, Euríale gritou:

— Pegue-os! Dois prêmios são melhores que um!

Percy disparou pelas pistas restantes. De alguma forma conseguiu chegar vivo à faixa entre as duas pistas da autoestrada. Viu as górgonas mergulhando e os carros se desviando dos monstros acima deles. Perguntou-se o que os mortais viam através da Névoa — pelicanos gigantes? Asas-deltas desgovernadas? A loba Lupa lhe dissera que as mentes dos mortais podiam acreditar em praticamente qualquer coisa, exceto na verdade.

Percy correu rumo à porta na encosta. Juno ficava mais pesada a cada passo. O coração de Percy batia forte. Suas costelas doíam.

Um dos guardas gritou. O cara do arco armou uma flecha.

— Espere! — gritou Percy.

Mas o garoto não mirava nele. A flecha passou acima da cabeça de Percy. Uma górgona uivou de dor. O segundo guarda, a garota, preparou a lança, gesticulando freneticamente para que Percy se apressasse.

Quinze metros de distância. Dez metros.

— Peguei! — berrou Euríale.

Percy se virou no momento em que uma flecha acertou a testa dela. Euríale desabou na pista de alta velocidade. Um caminhão chocou-se contra ela e a carregou uns cem metros para trás, mas a górgona simplesmente escalou para ficar acima da cabine, arrancou a flecha da cabeça e voltou a se lançar no ar.

Percy alcançou a porta.

— Obrigado — ele agradeceu aos guardas. — Belo tiro.

— Aquilo devia tê-la matado! — protestou o arqueiro.

— Bem-vindo a meu mundo — murmurou Percy.

— Frank — disse a garota. — Leve-os para dentro, rápido! Aquilo são górgonas.

— Górgonas? — A voz do arqueiro soou aguda. Era difícil saber muito sobre o garoto, oculto sob o elmo, mas ele parecia corpulento como um lutador, talvez com quatorze ou quinze anos. — A porta vai detê-las?

Nos braços de Percy, Juno gargalhou.

— Não, não vai. Adiante, Percy Jackson! Atravesse o túnel, cruze o rio!

— Percy Jackson? — A guarda tinha a pele escura, e cabelos encaracolados saíam pelas laterais do elmo. Parecia mais nova que Frank... devia ter uns treze anos. A bainha de sua espada ia quase até seu tornozelo. Mesmo assim, ela falava como se estivesse no comando. — Certo. Obviamente você é um semideus. Mas quem é a...? — Ela olhou para Juno. — Deixe para lá. Entrem logo. Vou atrasá-las.

— Hazel — disse o garoto. — Não seja louca.

— Vão! — ordenou ela.

Frank xingou em outra língua — seria latim? — e abriu a porta.

— Vamos!

Percy o seguiu, cambaleando por causa do peso da velha, que ficava *definitivamente* mais pesada. Ele não sabia como a tal da Hazel iria segurar as górgonas sozinha, mas estava cansado demais para discutir.

O túnel atravessava a rocha sólida e tinha mais ou menos a altura e a largura do corredor de uma escola. A princípio, parecia um típico túnel de manutenção, com fios de eletricidade, placas de advertência e caixas de disjuntores nas paredes, e lâmpadas em gaiolas de arame ao longo do teto. À medida que eles avançavam morro adentro, o piso de cimento ia dando lugar a um mosaico de placas. As lâmpadas cederam lugar a tochas de bambu, que queimavam, mas não produziam fumaça. Algumas centenas de metros adiante, Percy viu um quadrado de luz do dia.

A velha agora pesava mais que uma pilha de sacos de areia. Os braços de Percy tremiam com o esforço. Juno cantarolava baixinho em latim algo que parecia uma canção de ninar, o que não ajudava a concentração de Percy.

Atrás deles, as vozes das górgonas ecoavam pelo túnel. Hazel gritou. Percy ficou tentado a largar Juno e voltar correndo para ajudá-la, mas então o túnel

inteiro sacudiu com o estrondo de pedras caindo. Ouviu-se um grasnido igual ao que as górgonas haviam emitido quando Percy jogara um caixote de bolas de boliche nelas, em Napa. Ele olhou para trás. A extremidade oeste do túnel agora estava cheia de poeira.

— Será que não devíamos dar uma olhada em Hazel? — perguntou Percy.

— Ela vai ficar bem... Espero — disse Frank. — Ela é boa em ambientes subterrâneos. Continue andando! Estamos quase lá.

— Quase onde?

Juno deu uma risadinha.

— Todos os caminhos levam até lá, criança. Você deveria saber disso.

— À punição? — perguntou Percy.

— A Roma, criança — disse a velha. — A Roma.

Percy não tinha certeza de que havia entendido direito. Sim, sua memória havia sumido. E seu cérebro não parecia bem desde que ele despertara na Casa do Lobo. Mas ele tinha uma boa noção de que Roma não ficava na Califórnia.

Continuaram correndo. A luz no fim do túnel ficou mais forte e por fim eles saíram à luz do sol.

Percy ficou paralisado. Diante dele havia um vale côncavo com vários quilômetros de largura. O solo era marcado por pequenas colinas, planícies douradas e áreas de floresta. Um riacho límpido traçava um curso sinuoso a partir de um lago no centro e ao longo do perímetro, como um G maiúsculo.

A geografia podia ser de qualquer parte do norte da Califórnia — carvalhos e eucaliptos verdes, colinas douradas e céu azul. Aquela montanha grande afastada do mar — como era mesmo o nome? Monte Diablo? — erguia-se ao longe, exatamente onde deveria estar.

Mas Percy tinha a sensação de que tinha entrado em um mundo secreto. No centro do vale, aninhada à margem do lago, havia uma pequena cidade de construções em mármore branco com telhados vermelhos. Algumas tinham domos e pórticos sustentados por colunas, como monumentos nacionais. Outras pareciam palácios, com portas douradas e jardins amplos. Ele podia ver uma praça descoberta com colunas independentes, chafarizes e estátuas. Um coliseu romano de cinco andares brilhava ao sol, perto de uma comprida arena oval que parecia uma pista de corrida.

Do outro lado do lago, ao sul, havia outra colina, com construções ainda mais impressionantes — templos, Percy imaginou. Algumas pontes de pedra cruzavam o rio que serpenteava pelo vale, e, ao norte, uma longa fila de arcos de alvenaria estendia-se das colinas até entrar na cidade. Percy pensou que aquilo parecia uma ferrovia elevada. E então se deu conta de que devia ser um aqueduto.

A parte mais estranha do vale ficava bem abaixo do ponto em que Percy se encontrava. A cerca de duzentos metros dali, do outro lado do rio, havia uma espécie de acampamento militar. Tinha mais ou menos dezesseis hectares, com barreiras de pedra nas quatro faces cobertas por espigões pontudos. Do lado de fora dos muros havia um fosso seco, também demarcado com espigões. Torres de vigilância de madeira erguiam-se em cada canto, guarnecidas por sentinelas armadas com bestas enormes montadas nos parapeitos. Estandartes roxos pendiam das torres. Do outro lado do acampamento, um amplo portão aberto estava voltado na direção da cidade. Junto à margem do rio havia um portão mais estreito, fechado. O interior da fortaleza fervilhava de atividade: dezenas de garotos entrando e saindo de alojamentos, carregando armas, lustrando armaduras. Percy ouviu o clangor de martelos em uma forja e sentiu o cheiro de carne cozinhando em uma fogueira.

O lugar lhe parecia muito familiar, mas algo não encaixava.

— Acampamento Júpiter — disse Frank. — Estaremos em segurança assim que...

Passos ecoaram no túnel atrás deles. Hazel emergiu de repente. Estava coberta de poeira e respirava com esforço. Havia perdido o elmo, e agora seus cabelos castanhos encaracolados caíam-lhe sobre os ombros. Sua armadura tinha cortes compridos feitos pelas garras de uma górgona. Um dos monstros havia colado nela um adesivo de 50% DE DESCONTO.

— Eu as atrasei — disse ela. — Mas vão chegar aqui a qualquer instante.

Frank praguejou.

— Precisamos atravessar o rio.

Juno apertou ainda mais o pescoço de Percy.

— Ah, sim, por favor. Não posso molhar meu vestido.

Percy mordeu a língua. Se essa senhora era uma deusa, deve ter sido a dos hippies fedorentos, pesados e inúteis. Mas ele chegara até ali. Era melhor continuar carregando-a.

É uma gentileza, ela dissera. *E, se não fizer isso, os deuses morrerão, o mundo que conhecemos desaparecerá e todas as pessoas de sua antiga vida serão destruídas.*

Se isso era um teste, Percy não podia se dar ao luxo de ser reprovado.

Ele tropeçou algumas vezes enquanto corriam para o rio. Frank e Hazel o ajudaram a se equilibrar.

Chegaram à margem, e Percy parou para recuperar o fôlego. A correnteza era rápida, mas o rio não parecia fundo. A poucos metros de distância erguiam-se os portões do forte.

— Vá, Hazel. — Frank encaixou duas flechas ao mesmo tempo. — Acompanhe Percy para que as sentinelas não atirem nele. É minha vez de retardar as malvadas.

Hazel assentiu com a cabeça e entrou no rio.

Percy começou a segui-la, mas algo o fez hesitar. Em geral ele adorava a água, mas esse rio parecia... poderoso, e não necessariamente amigável.

— O Pequeno Tibre — disse Juno de forma afetuosa. — Ele corre com a força do Tibre original, o rio do império. Esta é sua última chance de recuar, criança. A marca de Aquiles é uma bênção grega. Você não pode conservá-la se entrar em território romano. O Tibre irá tirá-la de você.

Percy estava exausto demais para compreender tudo aquilo, mas captou o ponto principal.

— Se eu o cruzar, não terei mais pele de ferro?

Juno sorriu.

— Então, o que vai ser? A segurança ou um futuro de dor e possibilidades?

Atrás dele, as górgonas guinchavam ao sair voando do túnel. Frank disparou as flechas.

Do meio do rio Hazel gritou:

— Percy, venha!

No alto das torres de vigilância cornetas soaram. As sentinelas gritaram e giraram as bestas na direção das górgonas.

Annabeth, pensou Percy. Ele avançou rio adentro. A água era gelada, muito mais rápida do que ele imaginara, mas isso não o incomodou. Uma força renovada impulsionou seus membros. Seus sentidos formigavam, como se ele tivesse recebido uma injeção de cafeína. Chegou ao outro lado e colocou a

velha no chão, enquanto os portões se abriam. Dezenas de garotos de armadura emergiram deles.

Hazel voltou-se para Percy com um sorriso de alívio. Então olhou por cima do ombro dele, e sua expressão transformou-se em horror.

— Frank!

Frank estava na metade do rio quando as górgonas o pegaram. Elas mergulharam do céu e o agarraram pelos braços. Ele gritou de dor quando as garras se enterraram em sua pele.

As sentinelas gritaram, mas Percy sabia que elas não teriam como disparar. Acabariam matando Frank. Os outros garotos sacaram espadas e se prepararam para se lançar na água, mas chegariam tarde demais.

Só havia um jeito.

Percy estendeu as mãos. Ele sentiu uma forte tensão em suas entranhas, e o Tibre obedeceu à sua vontade. O rio se ergueu. De ambos os lados de Frank formaram-se redemoinhos. Mãos gigantes de água ergueram-se da superfície, imitando os movimentos de Percy. Elas agarraram as górgonas, que, surpresas, largaram Frank. E então levantaram as monstras estridentes com a força de um torno líquido.

Percy ouviu os outros garotos gritarem e recuarem, mas permaneceu concentrado em sua tarefa. Ele abaixou os punhos com força, como se esmagasse algo, e as mãos gigantes mergulharam as górgonas no Tibre. As monstras atingiram o fundo e viraram pó. Nuvens brilhantes de essência de górgona se esforçavam para se recompor, mas o rio as desmanchava como um liquidificador. Em pouco tempo, todo e qualquer traço das górgonas foi levado pela correnteza. Os redemoinhos desapareceram, e o rio voltou ao normal.

Percy ficou parado na margem. Suas roupas e sua pele fumegavam, como se as águas do Tibre lhe tivessem dado um banho de ácido. Ele se sentia exposto, fraco... Vulnerável.

No meio do rio, Frank cambaleava, parecendo aturdido, mas, fora isso, perfeitamente bem. Hazel avançou até ele e o ajudou a sair da água. Só então Percy notou o silêncio dos outros garotos.

Todos olhavam para ele. Somente a velha Juno parecia indiferente.

— Bem, foi um passeio delicioso — disse ela. — Obrigada, Percy Jackson, por me trazer ao Acampamento Júpiter.

Uma das garotas emitiu um som engasgado.

— Percy... Jackson?

Ela falou como se reconhecesse o nome. Percy a observou, na esperança de ver um rosto familiar.

Ela era obviamente uma líder. Usava um suntuoso manto roxo sobre a armadura. Seu peito estava decorado com medalhas. Devia ter mais ou menos a mesma idade de Percy, com olhos escuros e penetrantes e longos cabelos negros. Percy não a reconhecia, mas a garota o encarava como se o tivesse visto em seus pesadelos.

Juno riu, encantada.

— Ah, sim. Vocês vão se divertir muito juntos!

E, então, para deixar o dia mais estranho ainda, a velha começou a brilhar e a mudar de forma. Ela cresceu até se tornar uma deusa reluzente de mais de dois metros de altura, usando um vestido azul, com os ombros cobertos por um manto que parecia feito de pele de cabra. Seu rosto era severo e imponente. Em sua mão havia um cajado com uma flor de lótus no topo.

Os campistas ficaram ainda mais perplexos, se é que isso era possível. A garota com o manto roxo se ajoelhou. Os outros a imitaram. Um dos meninos abaixou-se com tanta rapidez que quase se espetou com a própria espada.

Hazel foi a primeira a falar.

— Juno.

Ela e Frank também se ajoelharam, fazendo com que Percy fosse o único de pé. Ele sabia que provavelmente devia se ajoelhar também, mas, depois de carregar a velha até ali, não tinha vontade de lhe mostrar tanta deferência.

— Juno, hein? — disse ele. — Se passei em seu teste, posso ter minha memória e minha vida de volta?

A deusa sorriu.

— A seu tempo, Percy Jackson, se tiver êxito aqui no acampamento. Você se saiu bem hoje, o que é um bom começo. Talvez ainda haja esperança para você.

Ela voltou-se para os outros garotos.

— Romanos, eu lhes apresento o filho de Netuno. Há meses ele está entorpecido, mas agora despertou. O destino dele está em suas mãos. O Festival de

Fortuna se aproxima rapidamente, e a Morte deve ser desencadeada se vocês quiserem ter alguma esperança na batalha. Não me decepcionem!

Juno tremeluziu e desapareceu. Percy olhou para Hazel e Frank, à espera de algum tipo de explicação, mas eles pareciam igualmente confusos. Frank segurava algo que Percy ainda não havia percebido — dois pequenos frascos de argila com rolhas, como poções, um em cada mão. Percy não tinha a menor ideia de onde eles haviam surgido, mas viu Frank guardá-los nos bolsos. Frank lhe lançou um olhar como se dissesse: *Falaremos sobre isso mais tarde.*

A garota do manto roxo deu um passo à frente. Ela observava Percy atentamente, e o menino não conseguia deixar de sentir que ela queria atravessá-lo com a adaga.

— Bem — disse ela com frieza —, um filho de Netuno que vem até nós com a bênção de Juno.

— Olhe — disse ele —, minha memória está um pouquinho confusa. Na verdade, ela *desapareceu*. Eu conheço você?

A garota hesitou.

— Eu sou Reyna, pretora da Décima Segunda Legião. E... Não, eu não conheço você.

Essa última parte era mentira. Percy podia ver em seus olhos. Mas ele também compreendeu que, se discutissem isso ali, na frente dos soldados dela, a garota não ia gostar.

— Hazel — disse Reyna —, traga-o para dentro. Quero interrogá-lo na *princípi*a. Depois o enviaremos para Octavian. Precisamos consultar os augúrios antes de decidir o que fazer com ele.

— Como assim? — perguntou Percy. — Decidir o que fazer comigo?

A mão de Reyna apertou com mais força o punho da adaga. Ela obviamente não estava acostumada a ter suas ordens questionadas.

— Antes de aceitar qualquer pessoa no acampamento, precisamos interrogá-la e ler os augúrios. Juno disse que seu destino está em nossas mãos. Temos que saber se a deusa nos trouxe um novo recruta...

Reyna olhou Percy como se achasse a ideia duvidosa.

— Ou — disse ela, mais esperançosa — se nos trouxe um inimigo para matar.

## PERCY

**PARA SORTE DE PERCY, ELE** não tinha medo de fantasmas. Metade das pessoas no acampamento estava morta.

Guerreiros roxos translúcidos postavam-se do lado de fora do arsenal, polindo espadas etéreas. Outros passavam o tempo diante dos alojamentos. Um garoto fantasmagórico perseguia um cachorro fantasmagórico pela rua. E, nos estábulos, um cara grande, vermelho e brilhante, com cabeça de lobo, guardava um rebanho de... Aquilo eram unicórnios?

Nenhum dos campistas dava muita atenção aos fantasmas, mas, à medida que a comitiva de Percy, com Reyna à frente e Frank e Hazel, um de cada lado, passava, todos os espíritos interrompiam o que estavam fazendo e fitavam Percy. Alguns pareciam bravos. O garotinho fantasma gritou algo como “Greggus!” e ficou invisível.

Percy desejou poder ficar invisível também. Depois de semanas sozinho, toda essa atenção o deixava pouco à vontade. Ele permaneceu entre Hazel e Frank e tentou passar despercebido.

— Estou vendo coisas? — perguntou. — Ou aqueles são...

— Fantasmas? — Hazel se virou. Seus olhos eram impressionantes, como ouro quatorze quilates. — Eles são Lares. Deuses da casa.

— Deuses da casa — repetiu Percy. — Tipo menores que deuses de verdade, porém maiores que deuses do apartamento?

— São espíritos ancestrais — explicou Frank.

Ele havia tirado o elmo, revelando um rosto infantil que não combinava com o cabelo em corte militar nem com o corpo robusto. Parecia um bebê que havia tomado esteroides e ingressado no Corpo de Fuzileiros Navais.

— Os Lares são uma espécie de mascote — continuou. — Quase sempre são inofensivos, mas nunca os vi tão agitados.

— Estão me encarando — disse Percy. — Aquele garoto fantasma me chamou de Greggus. Meu nome não é Greg.

— *Graecus* — corrigiu Hazel. — Depois de passar algum tempo aqui, você vai começar a entender latim. Os semideuses têm um talento natural para isso. *Graecus* significa grego.

— Isso é ruim? — perguntou Percy.

Frank pigarreou.

— Talvez não. Você tem essa cor de pele, os cabelos escuros e tal. Talvez eles achem que você é grego de verdade. Sua família é de lá?

— Não sei. Como eu disse, perdi a memória.

— Ou talvez... — Frank hesitou.

— O que foi? — perguntou Percy.

— Provavelmente nada — disse Frank. — Romanos e gregos têm uma antiga rivalidade. Às vezes os romanos usam o termo *graecus* como insulto para alguém de fora... Um inimigo. Eu não me preocuparia com isso.

Mas ele parecia bastante preocupado.

O grupo parou no centro do acampamento, onde duas largas estradas de paralelepípedos se encontravam, formando um T.

Uma placa de rua identificava a estrada que levava aos portões principais como VIA PRAETORIA. A outra estrada, que atravessava o meio do acampamento, era identificada como VIA PRINCIPALIS. Embaixo dessas placas havia outras, pintadas à mão: BERKELEY 8 KM, NOVA ROMA 1,6 KM, ROMA ANTIGA 11.716 KM, HADES 3.717 KM (apontando diretamente para baixo), RENO 334 KM e MORTE CERTA: VOCÊ ESTÁ AQUI!

Para morte certa, o lugar parecia bastante limpo e organizado. As construções estavam recém-caídas e eram dispostas em uma grade bem simétrica, como se o acampamento tivesse sido projetado por um professor de matemática exigente.

Os alojamentos tinham varandas cobertas, onde campistas descansavam em redes à sombra ou jogavam cartas e bebiam refrigerantes. Cada dormitório apresentava uma coleção diferente de estandartes na fachada, exibindo algarismos romanos e animais variados — águia, urso, lobo, cavalo e um que parecia um hamster.

Ao longo da Via Praetoria, fileiras de lojas anunciavam comida, armadura, armas, café, equipamento de gladiador e aluguel de togas. Uma concessionária de bigas tinha um grande anúncio na frente: CAESAR XLS C/ FREIOS ABS, ZERO DE ENTRADA!

Em uma das esquinas do entroncamento erguia-se o edifício mais impressionante: uma cunha de dois andares, de mármore branco, com um pórtico sustentado por colunas, como um banco antigo. Guardas romanos estavam postados na entrada. Acima da porta pendia um grande estandarte roxo com as letras douradas SPQR bordadas dentro de uma coroa de louros.

— Seu quartel-general? — perguntou Percy.

Reyna se virou para ele, seus olhos ainda eram frios e hostis.

— O nome é *principia*.

Ela esquadrinhou a multidão de campistas curiosos que os havia seguido desde o rio.

— Todos de volta a suas tarefas. Darei mais notícias na hora da inspeção noturna. Lembrem-se: temos jogos de guerra após o jantar.

A ideia de jantar fez o estômago de Percy roncar. Com o cheiro de churrasco vindo do refeitório, sua boca encheu-se de água. A padaria mais adiante na rua também exalava um cheiro delicioso, mas ele duvidava que Reyna o deixaria fazer um pedido para viagem.

A multidão se dispersou com relutância. Alguns murmuravam comentários sobre as chances de Percy.

— Ele está morto — disse um.

— Tinham que ser *aqueles* dois a encontrá-lo — disse outro.

— É — murmurou outro. — Deixe-o entrar para a Quinta Coorte. Gregos e *geeks*.

Vários garotos riram com isso, mas Reyna os repreendeu, e eles se dispersaram.

— Hazel — disse Reyna —, venha conosco. Quero seu relatório sobre o que aconteceu nos portões.

— Eu também? — perguntou Frank. — Percy salvou minha vida. Precisamos deixá-lo...

Reyna lançou um olhar tão duro a Frank que ele recuou.

— Devo lembrá-lo, Frank Zhang — disse ela —, de que você também está em *probatio*. Já causou problemas suficientes por esta semana.

As orelhas de Frank ficaram vermelhas. Seus dedos mexiam em uma chapinha pendurada em um cordão em seu pescoço. Percy não havia prestado muita atenção nela, mas parecia uma placa de identificação feita de chumbo.

— Vá para o arsenal — disse Reyna. — Verifique o inventário. Eu o chamo se precisar.

— Mas... — Frank se conteve. — Sim, Reyna.

E ele se foi, apressado.

Reyna fez sinal para que Hazel e Percy entrassem no quartel-general.

— Agora, Percy Jackson, vamos ver se nós conseguimos melhorar sua memória.

A *principia* era ainda mais impressionante por dentro.

No teto havia um mosaico reluzente de Rômulo e Remo debaixo da loba, sua mãe adotiva (Lupa contara essa história a Percy um milhão de vezes). O piso era de mármore polido. As paredes, cobertas de veludo, davam a sensação de que Percy se encontrava dentro da tenda de acampamento mais cara do mundo. Ao longo da parede dos fundos estavam expostos estandartes e bastões de madeira cravejados com medalhas de bronze — símbolos militares, Percy imaginou. No centro da parede havia um espaço vazio, como se o estandarte principal tivesse sido tirado para limpeza ou algo assim.

Em um canto aos fundos uma escada levava a um piso inferior. Estava bloqueada por barras de ferro, como a porta de uma prisão. Percy se perguntou o que haveria lá embaixo — monstros? Tesouros? Semideuses com amnésia que não tinham caído nas graças de Reyna?

No centro do cômodo havia uma longa mesa de madeira entulhada de rolos de pergaminhos, cadernos, *tablets*, adagas e uma tigela grande cheia de balas delicado que parecia meio estranha ali. Duas estátuas de galgos em tamanho natural — uma de prata, outra de ouro — ladeavam a mesa.

Reyna dirigiu-se para trás da mesa e sentou-se em uma das duas cadeiras de espaldar alto. Percy desejou poder se sentar na outra, mas Hazel permaneceu de pé. Percy teve a impressão de que devia fazer o mesmo.

— Bem... — ele começou a dizer.

As estátuas de cães arreganharam os dentes e rosnaram.

Percy ficou paralisado. Normalmente, ele gostava de cachorros, mas estes o encaravam com olhos de rubi. Suas presas pareciam afiadas como navalhas.

— Calma, garotos — disse Reyna aos galgos.

Eles pararam de rosnar, mas continuaram olhando Percy como se ele fosse o jantar.

— Eles não atacam — informou Reyna —, a menos que você tente roubar alguma coisa ou que eu lhes dê a ordem. Estes são Argentum e Aurum.

— Prata e Ouro — falou Percy. O significado dos termos em latim surgiu em sua cabeça como Hazel dissera que aconteceria. Ele quase perguntou qual cachorro era qual. Mas então se deu conta de que essa seria uma pergunta estúpida.

Reyna pousou a adaga na mesa. Percy tinha a vaga impressão de que havia visto a garota antes. Seus cabelos eram negros e lustrosos como rocha vulcânica, preso em uma trança única que descia por suas costas. Reyna tinha a postura de um esgrimista: relaxada, porém vigilante, como se estivesse pronta para entrar em ação a qualquer momento. As rugas de preocupação em torno dos olhos a faziam parecer mais velha do que provavelmente era.

— Nós *já* nos conhecemos — ele concluiu. — Não lembro quando. Por favor, se puder me dar qualquer informação...

— Primeiro as prioridades — disse Reyna. — Quero ouvir sua história. Do que você se *lembra*? Como chegou aqui? E não minta. Meus cães não gostam de gente mentirosa.

Argentum e Aurum rosnaram, enfatizando suas palavras.

Percy contou sua história: como acordara na mansão em ruínas na floresta de Sonoma. Descreveu o período que passou com Lupa e seu bando, aprendendo sua linguagem de gestos e expressões, aprendendo a sobreviver e lutar.

Lupa lhe ensinara sobre semideuses, monstros e deuses. Ela havia explicado que era um dos espíritos guardiães da Roma Antiga. Semideuses como Percy

ainda eram responsáveis por dar continuidade a tradições romanas nos tempos modernos — enfrentar monstros, servir aos deuses, proteger os mortais e preservar a memória do império. Ela o havia treinado durante semanas até ele ficar tão forte, resistente e feroz quanto um lobo. Quando se deu por satisfeita com as habilidades de Percy, ela o havia mandado para o sul, dizendo-lhe que, se sobrevivesse à jornada, ele talvez encontrasse um novo lar e recuperasse a memória.

Nada disso pareceu surpreender Reyna. Na verdade, ela pareceu achar a história bastante comum — com exceção de um detalhe.

— Nenhuma lembrança? — perguntou ela. — Você *ainda* não se lembra de nada?

— Fragmentos vagos e confusos.

Percy olhou para os galgos. Ele não queria mencionar Annabeth. Parecia algo muito íntimo, e ele ainda estava confuso em relação a onde encontrá-la. Tinha certeza de que haviam se conhecido em um acampamento — mas aquele ali não parecia ser o lugar certo.

Além disso, ele não estava disposto a partilhar sua única lembrança clara: o rosto de Annabeth, os cabelos louros e os olhos cinzentos, a maneira como ela ria, abraçava-o e o beijava sempre que ele fazia algo idiota.

Ela deve ter me beijado muito, pensou Percy.

Ele temia que, se falasse daquela lembrança para alguém, ela evaporaria como um sonho. Não podia correr o risco.

Reyna girou sua adaga.

— A maior parte do que está descrevendo é normal para semideuses. Em certa idade, de uma forma ou de outra, encontramos o caminho da Casa dos Lobos. Somos testados e treinados. Se Lupa achar que temos mérito, ela nos manda para o sul, para ingressar na legião. Mas nunca ouvi falar de alguém que tenha perdido a memória. Como foi que você encontrou o Acampamento Júpiter?

Percy contou-lhe sobre os últimos três dias — as górgonas que não morriam, a velha que acabou se revelando uma deusa e, finalmente, o encontro com Hazel e Frank no túnel da colina.

A partir daí, Hazel assumiu a narrativa. Ela descreveu Percy como bravo e heroico, o que o deixou constrangido. Tudo que ele fizera fora carregar uma mendiga *hippie*.

Reyna o estudou.

— Você é velho para ser um recruta. Tem o quê, dezesseis anos?

— Acho que sim — respondeu Percy.

— Se passou todos esses anos sozinho, sem treinamento nem ajuda, deveria estar morto. Um filho de Netuno? Teria uma aura poderosa que atrairia todo tipo de monstro.

— É — disse Percy. — Já me falaram que eu cheiro mal.

Reyna quase abriu um sorriso, o que deu esperança a Percy. Talvez ela fosse humana, afinal.

— Você deve ter vindo de algum lugar antes da Casa dos Lobos — disse ela.

Percy deu de ombros. Juno falara algo sobre ele ter ficado entorpecido, e ele de fato tinha a vaga sensação de que estivera adormecido — talvez por muito tempo. Mas isso não fazia sentido.

Reyna suspirou.

— Bem, os cães não comeram você, então suponho que esteja falando a verdade.

— Ótimo — disse Percy. — Da próxima vez, posso passar por um polígrafo?

Reyna se levantou. Ela ficou andando de um lado para o outro diante dos estandartes. Seus cães metálicos a observavam.

— Mesmo que eu considere que não é um inimigo — disse ela —, você não é um recruta típico. A Rainha do Olimpo simplesmente não aparece em um acampamento anunciando a chegada de um novo semideus. A última vez que um deus importante nos visitou em pessoa assim... — Ela sacudiu a cabeça. — Só ouvi lendas desse tipo de acontecimento. E um filho de Netuno... Isso não é um bom augúrio. Especialmente agora.

— O que tem de errado com Netuno? — perguntou Percy. — E o que você quer dizer com “especialmente agora”?

Hazel lançou-lhe um olhar de advertência.

Reyna continuou andando.

— Você lutou contra as irmãs de Medusa, que não eram vistas há milhares de anos. Inquietou nossos Lares, que o estão chamando de *graecus*. E usa símbolos estranhos... essa camisa, as contas em seu cordão. O que elas significam?

Percy baixou os olhos para sua camiseta laranja surrada. Ela devia ter tido palavras estampadas em algum momento, mas agora estava desbotada demais para que fossem legíveis. Ele devia ter jogado aquela camiseta fora havia semanas. Estava toda esfarrapada, mas ele não suportava a ideia de descartá-la. Continuava a lavá-la em riachos e chafarizes da melhor maneira possível e voltava a vesti-la.

Quanto ao cordão, cada uma das quatro contas de argila eram decoradas com um símbolo diferente. Uma mostrava um tridente. Outra exibia uma miniatura do Velocino de Ouro. A terceira estava gravada com o traçado de um labirinto e a última trazia a imagem de um edifício — seria o Empire State? — com nomes que Percy não reconhecia gravados ao redor. Ele tinha a impressão de que as contas eram importantes, como fotos em um álbum de família, mas não conseguia se lembrar do que significavam.

— Não sei — disse ele.

— E sua espada? — perguntou Reyna.

Percy verificou o bolso. A caneta havia reaparecido, como sempre. Ele a sacou, mas então percebeu que não havia mostrado a espada a Reyna. Hazel e Frank tampouco a tinham visto. Como Reyna sabia dela?

Tarde demais para fingir que ela não existia... Ele tirou a tampa da caneta. Contracorrente apresentou-se em sua verdadeira forma. Hazel arquejou. Os galgos latiram, apreensivos.

— O que é isso? — perguntou Hazel. — Nunca vi uma espada assim.

— Eu já — disse Reyna, em um tom sombrio. — É muito antiga... Uma criação grega. Costumávamos ter algumas dessas no depósito de armas... — Ela se interrompeu. — O metal é chamado de bronze celestial. É mortal para monstros, como o ouro imperial, só que ainda mais raro.

— Ouro imperial? — perguntou Percy.

Reyna desembainhou sua adaga. Com toda a certeza, a lâmina era de ouro.

— O metal foi consagrado nos tempos antigos, no Panteão de Roma. Sua existência era um segredo muito bem-guardado dos imperadores... Uma forma de seus paladinos matarem monstros que ameaçavam o império. Costumávamos ter mais armas assim, mas agora... Bem, quase não temos. Eu uso esta adaga. Hazel tem uma espada, uma espada de cavalaria. A maioria dos legionários usa

uma espada mais curta chamada gládio. Mas essa sua arma não tem nada de romano. É outro sinal de que você não é um semideus típico. E seu braço...

— O que tem ele? — perguntou Percy.

Reyna ergueu o próprio antebraço. Percy não havia notado antes, mas havia uma tatuagem na parte interna: as letras SPQR, uma espada e uma tocha entrecruzadas e, debaixo delas, quatro linhas paralelas, como um registro de pontuação.

Percy olhou para Hazel.

— Todos nós temos uma dessa — confirmou ela, erguendo o braço. — Todos os membros efetivos da legião.

A tatuagem de Hazel também tinha as letras SPQR, só que havia apenas uma marca de pontuação, e seu emblema era diferente: um glifo negro que parecia uma cruz com braços curvos e uma cabeça.



Percy olhou para os próprios braços. Alguns arranhões, um pouco de lama e uma migalha de Enroladinho Crocante de Queijo e Salsicha, mas nada de tatuagem.

— Então você nunca foi membro da legião — afirmou Reyna. — Estas marcas não podem ser removidas. Pensei que talvez... — Ela sacudiu a cabeça, como se rejeitasse uma ideia.

Hazel inclinou-se para a frente.

— Se ele sobreviveu sozinho esse tempo todo, talvez tenha visto Jason. — Ela voltou-se para Percy. — Você já encontrou um semideus como nós antes? Um garoto de camisa roxa, com marcas no braço...

— Hazel. — A voz de Reyna endureceu. — Percy já tem muito com que se preocupar.

Percy tocou a ponta de sua espada e Contracorrente se encolheu, voltando à forma de caneta.

— Nunca vi ninguém como vocês. Quem é Jason?

Reyna dirigiu um olhar irritado a Hazel.

— Ele é... Ele *era* meu colega. — Ela apontou a segunda cadeira vazia. — A legião normalmente tem dois pretores eleitos. Jason Grace, filho de Júpiter, era nosso outro pretor, até desaparecer em outubro.

Percy tentou calcular. Ele não havia prestado muita atenção ao calendário enquanto esteve ao relento, mas Juno mencionara que agora estavam em junho.

— Quer dizer que ele está desaparecido há oito meses e vocês não o substituíram?

— Ele pode não estar morto — disse Hazel. — Não desistimos ainda.

Reyna fez uma careta. Percy teve a impressão de que esse Jason devia ser mais que um simples colega para ela.

— Eleições só acontecem de duas maneiras — disse Reyna. — Ou a legião ergue alguém em um escudo após um grande sucesso no campo de batalha... e não tivemos nenhuma batalha importante recentemente... ou fazemos uma votação na noite de 24 de junho, no Festival de Fortuna. Daqui a cinco dias.

Percy franziu a testa.

— Fortona?

— *Fortuna* — corrigiu Hazel. — É a deusa da sorte. O que quer que aconteça no dia de seu festival pode afetar todo o restante do ano. Ela pode conceder boa sorte ao acampamento... Ou *muito* azar.

Tanto Reyna quanto Hazel olharam para o espaço vazio junto à parede, como se pensassem no que faltava.

Um arrepio percorreu a espinha de Percy.

— O Festival de Fortuna... As górgonas o mencionaram. Juno também. Elas disseram que o acampamento seria atacado nesse dia, algo a ver com uma deusa grande e má chamada Gaia, e um exército, e a Morte sendo desencadeada. Vocês estão me dizendo que esse dia será nesta *semana*?

Os dedos de Reyna apertaram o cabo de sua adaga.

— Você não falará nada sobre isso fora desta sala — ordenou. — Não vou permitir que espalhe mais pânico no acampamento.

— Então é verdade — disse Percy. — Você sabe o que vai acontecer? Podemos impedir?

Percy havia acabado de conhecer essas pessoas. Ele nem tinha certeza de que gostava de Reyna. Mas queria ajudar. Eram semideuses, como ele. Tinham os mesmos inimigos. Além disso, Percy se lembrava do que Juno lhe dissera: não era só este acampamento que corria perigo. Sua vida antiga, os deuses e o mundo inteiro poderiam ser destruídos. O que quer que estivesse a caminho, era grande.

— Já conversamos o suficiente por ora — disse Reyna. — Hazel, leve-o para a Colina dos Templos. Encontre Octavian. No caminho, você pode responder às perguntas de Percy. Fale da legião.

— Sim, Reyna.

Percy ainda tinha tantas dúvidas que parecia que seu cérebro ia derreter. Mas Reyna deixou claro que a audiência havia chegado ao fim. Ela embainhou a adaga. Os cães metálicos se levantaram e rosnaram, aproximando-se de Percy.

— Boa sorte com o augúrio, Percy Jackson — disse ela. — Se Octavian permitir que você viva, talvez possamos trocar ideias... sobre seu passado.



A vida de Percy Jackson é assim mesmo: uma grande bagunça de deuses e monstros que, na maioria das vezes, acaba em problemas. Filho de Poseidon, o deus do mar, um belo dia ele acorda de um longo sono e não sabe muito mais do que o seu próprio nome. Mesmo quando a loba Lupa lhe conta que ele é um semideus e o treina para lutar usando a caneta/espada que carrega no bolso, sua mente continua nebulosa. De alguma forma, Percy consegue chegar a um acampamento de semideuses, mas o lugar não o ajuda a recobrar qualquer lembrança. A única coisa que consegue recordar é outro nome: Annabeth.

Com seus novos amigos, Hazel e Frank, Percy descobre que o deus da morte, Tãtatos, está aprisionado e que Gaia pretende reunir um exército de gigantes para dominar o mundo e reescrever as regras da vida e da morte. Juntos, os três embarcam em uma missão aparentemente impossível rumo ao Alasca, uma terra além do controle dos deuses, para cumprir seus papéis na misteriosa Profecia dos Sete. Se falharem, as consequências, é claro, serão desastrosas.

## SAIBA MAIS

<https://intrinseca.com.br/livro/o-filho-de-netuno/>

